

# Canto final a Helio Pellegrino

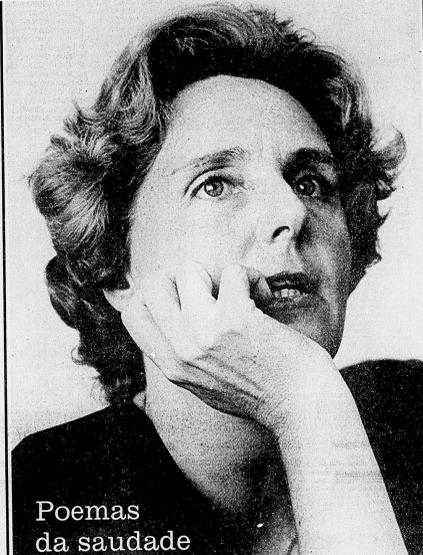


Lya Luft transforma em poesia a sua dor pela morte do companheiro

**Elizabeth Orsini**  
**A** morte, sombra constante na obra da escritora Lya Luft, está de volta. Desta vez no seu décimo livro, quarto de poesia, que leva o título de *O lado fatal* (Editora Rocco). Escrito sob duas megalônticas a morte do marido, o psicanalista Helio Pellegrino, no dia 23 de março. O lado fatal não é uma obra literária. São 43 poemas onde a escritora tenta compor um perfil fragmentado do Helio com quem esteve casada durante dois anos e três meses. Um livro sobre ele e para ele, uma espécie de canto final que tornou possível à escritora sair do abismo em que havia despenhado após a morte do companheiro. O livro será lançado no início de novembro no centro cultural Claudio Mendes, em Ipanema.

O tom da voz ainda é melancólico. Lya não consegue disfarçar a saudade. Mas o asombramento e a perplexidade que irradiam sua vida após a morte do marido — e que a fez abandonar o Rio onde vivia com ele para retornar a Porto Alegre, para conviver com o afeto dos filhos Susana, André e Eduardo — já cedem lugar a resignação. Graça de Santa Cruz, 50 anos completados dia 15 de setembro, ela já conseguia abrir de novo os brilhantes olhos após a procura de um novo caminho. Tradutora profissional, já está mergulhada no tombo de O encantamento, de Hermann Broch, romance que trata da vida de intelectuais na Alemanha. E já pensa em iniciar o projeto literário que havia começado antes da morte do marido e que deixou hibernando com a sua ausência. Ela não vê com nitidez a história. Como sempre acontece quando está próxima ao ato da criação sua cabeça é lavada no rio perseguições. Uma perseguição constante. Desta vez percebe que está se delineando uma história que abraça a família, onde um pai morto continua vivo. Lya não nega que a morte de Helio possa vir a modificar esta história. "É possível que sim, já que depois de sua morte fizeti com uma metáfora mero-lhada no transcendental. E que eu nunca mais vou ser a mesma pessoa".

Casada pela segunda vez — o primeiro marido foi Celso Pedro Luft, professor universitário, poeta e discursista respeitado — Lya relembra com saudade a paixão pelo psicanalista que conheceu no dia 19 de abril de 1985, num congresso de escritores em São Paulo, no Teatro Sérgio Cardoso. Foram apresentados pela amiga Nélida Piton e conversaram por mais de 20 minutos. Tempo suficiente para despertar a curiosidade entre eles. Helio começou a ler os romances de Lya, a escrever e a telefonar para sua casa no Rio Grande do Sul. Ele telefonava mais. Ela escrevia. Lya acha que primeiro Helio se apaixonou por seus romances ("Ele tinha uma visão peculiar sobre meus livros, coisas verdadeiras que eu mesma não tinha pensado. E foi assim que a gente se aproximou"). Helio levava na bagagem dois casamentos desfeitos. Lya estava vivenciando o final do primeiro. E ela costumava dizer que da amizade para o amor foi um salto.



## Poemas da saudade

Nesta minha peculiar vivência  
 sem almeados sem documentos  
 apenas com duas alianças de peneta prata  
 e no peito um coração de oitavos, listado ao  
 meu redor objetos que foram de mim  
 e agora de dentro de mim na pia,  
 o reme de bastar entre os meus pertences,  
 e com minha toalha nos ombros  
 a canção do de que eu mais gostava.  
 (Na gaveta, vícios que os remédios  
 que o preservavam para o nosso breve tempo.)

Pingo a minha vida como ele finge a sua morte.  
**Nessa minha peculiar vivência**  
 Quando se foram também os médicos e suas  
 muitas palavras.  
 Ficamos nós a morte (ou foi Deus?)  
 o meu amado  
**(trecho do poema Deus)**  
 Quando as lágrimas nos amaram, comecei a  
 entender  
 que eu estava comigo o tempo todo,  
 que eu estava comigo o tempo todo.

luz no centro da minha vida destruída,  
 autismo de mim tudo o que hoje não sei deo.  
**(trecho de Outro dia sentei-me na beira da cama para apurar as unhas)**  
 O meu amado tinha a fadiga de muitos  
 séculos  
 Deslavava no sofá, cabeça no meu colo.  
 "Com você encontro a paz."  
 Mas estava cansado. Tinha saudade de mais  
 do que o poder da dar todo o meu amor sem  
 limites.  
 Dizia:  
 "Huje estou triste como o diabo, e sem  
 motivo."  
 O motivo era ser esta vida um exílio  
 e sua alma uma chama.  
 que só se apaga em Deus.  
 Para isso foi preciso que partisse.  
**O meu amado tinha a fadiga de muitos séculos**

As relações familiares e a morte, temas constantes na obra da escritora — autora, entre outras coisas, de *As parcerias*. A asa esquerda do anjo, *Reinício em família*, *O quarto fechado* (Nova Fronteira) — também fascinavam o marido que costumava dizer que o material de trabalho de ambos era o mesmo: a alma humana. Um assunto que intrigava o analista que sempre dizia para a mulher: "A psicanálise só chega até um certo espaço da pessoa. O resto é só com Deus." Conversavam horas a fio e, não raramente, ele olhava para ela, formulava uma pergunta qualquer e olhava com aquele olho curioso que Lya concebia muito bem: "O que diz a isso o seu olhar de romancista?" Ela nunca se analisou a Helio, brincando, dizia que não adiantava porque Lya não tinha cura. Quanto saudade dessas conversas intermitentes, da troca de confidências ("Ele era um homem que preservava sua intimidade mas era muito desajeitado de trocar confidências. Gostava muito de falar, mas sabia muito bem ouvir").

Um dos temas que o fascinava era a morte, pela qual tinha extrema curiosidade. Não uma curiosidade morbida, porque tinha certeza de que a gente sobrevive, que a gente muda de registro, passa para o outro lado — garante Lya. A escritora acha que o marido conseguiu a pensar mais sobre a morte há 18 anos, quando teve um infarto sério. Como um apaixonado pela vida tomava os remédios religiosamente ("mas sempre reclamando"), cuidava do peso, vigiava a alimentação, mas não se conformava com as caminhadas. Durante todos esses anos desenvolveu um ritual de vida que colocava a morte do outro lado. Por isso Lya não conseguia acreditar que ele havia partido. Recordava-se para lembrar as feridas, para fugir dos orfãos que ele deixava e que viviam lhe requilombando a atenção ("Pi...nhora porque não podia fazer mais nada por eles"). Perdido o lar pela segunda vez, perdeu a vida amorosa e a vida prática.

Mas não deixou que a morte do marido lavasse também as descobertas em comum. O prazo de ler *Os grandes semelhanças* sob a lua, de Georges Bernanos, livro que liam antes de Helio morrer é que o destino de ambos se cruzou que trocaram sobre Drummond e Manuel Bandeira, os poetas preferidos do psicanalista que fazia da leitura uma grande aventura. Inquieto, mente ágil, Lya recorda-se que quando ele estava num buraco, vivava tão depressa que tinha de parar e tirar conclusões. Continuava o livro dentro da própria cabeça". Ágil, inquieto, mas sempre sabido, Helio sempre soube que amor e morte caminhavam juntos. Na carta que escreveu em 1986 e que ilustra a abertura de *O lado fatal* ele dizia: "O amor é coisa curiosa: por nos aproximar da vida dá-nos uma experiência de eternidade, e por isto mesmo nos mergulha na dúvida, para aceitar-la e salvá-la. Morte e amor andam emboles. O amor nos faz famintos de eternidade, e a morte é a porta desse indizível buraco."

Os Virtuses de Moscou com o genial Vladimir Spivakov

DE CHARLES LUBMAN  
 DIÁLOGO  
 MARIUJA PERA

VONJA MAGALHÃES  
 LUIZ FERNANDO GUIMARÃES  
 ANÍS CÉSARIO  
 SANDRA PERA  
 DINORAH MARZULLO

OREVERO

DA PSICANALISE  
 UMA COMÉDIA IRRESPONSÁVEL

TEATRO CASA GRANDE  
 (CASA GRANDE - INGRESSOS A PARTIR DE R\$ 17,00)

TEATRO MUNICIPAL

11 E 12 DE  
 NOV. 1988 (1988)  
 Vendas no Bilheteiro  
 Informações: 285-7735

WALNEY REARDER  
 Jorge Dória  
 SOUZA  
 APRESENTA

Depoente Cotton  
 (Rua do Bonfins)  
 Goleto 56  
 Paulo Bonfim

PARTECIPAÇÃO ESPECIAL:  
 Cavallinho

DIREÇÃO DE JOSE RENATO

TEATRO VANNUCCI  
 (Rua do Bonfins)  
 Goleto 56  
 Paulo Bonfim

Tapetes Sente a Mão

Casa Caída, Diamantina, P. Pinto,  
 M. Claudia, Entrelinhas etc. etc.  
 Fone: Arraial - 4126 - Duque  
 Amador Velha Bahia

JB

Os mais completos  
 flashes de informações.  
**Informe JB**

Três em Um Empreendimento Artístico Ltda

Nestio do Corvo

obra-prima de Nelson Rodrigues.

Duvida:  
 Paulo Afonso de Lima  
 TEATRO  
 DULCINA  
 GE. 240 4479

Domingo Programo

Os seus programas do JB